

O Guaíba não está assoreado?



**Wilen
Manteli**

Presidente da
Associação de
Hidrovias do RS -
HidroviasRS

É preocupante que, após mais de um ano da tragédia climática que atingiu o nosso Estado, autoridades e especialistas continuem divergindo sobre as causas e os efeitos das cheias, referindo-se ao assoreamento dos nossos lagos e rios.

Segundo notícias recentes, para alguns o acúmulo de terra, vegetação e lixo depositado no fundo dos rios é visto como risco para uma nova enchente. O governo do Estado, entendendo que a chuva trouxe grandes danos aos nossos cursos d'água, liberou elevados recursos do Funrags para realizar a dragagem das hidrovias e os trabalhos de desassoreamento.

Estariam nossos governantes desperdiçando recursos públicos?

Cremos que não. É só lembrar das cenas, ainda presentes na memória de todos, das águas que invadiram por dias a Capital e inúmeras outras cidades drasticamente atingidas. Até a olho nu se visualizam os bancos de areia que surgiram no Guaíba, como é o caso daquele junto à Ilha das Balseiras, que vem aumentando de tamanho. Somam-se a isso os encalhes de navios ocorridos nos canais navegáveis, que estão sendo dragados, faltando muito

a fazer; por exemplo, o porto da Capital está paralisado há mais de um ano. E, quanto aos demais rios, continua a expectativa do efetivo início da dragagem.

Quem conhece o Guaíba sabe que o último desassoreamento ocorreu há mais de 50 anos, resultando nos aterros do Beira-Rio e do Parque Marinha e em outras obras. Desde aquela época, ele vem sofrendo assoreamento. Então, para se avaliar a atual situação, há necessidade de efetuar medições técnicas contínuas, identificando séries históricas – se é que já não foram feitas.

Estariam nossos governantes desperdiçando recursos públicos?

Quem viu e sofreu com as fortes chuvas e as inéditas cheias – que ceifaram vidas humanas e animais, destruíram casas, plantações, arborização, sonhos e esperanças – deve estar atônito e se indagando se ainda é válido o princípio da Lei de Newton segundo o qual “dois corpos não ocupam o mesmo espaço”. —